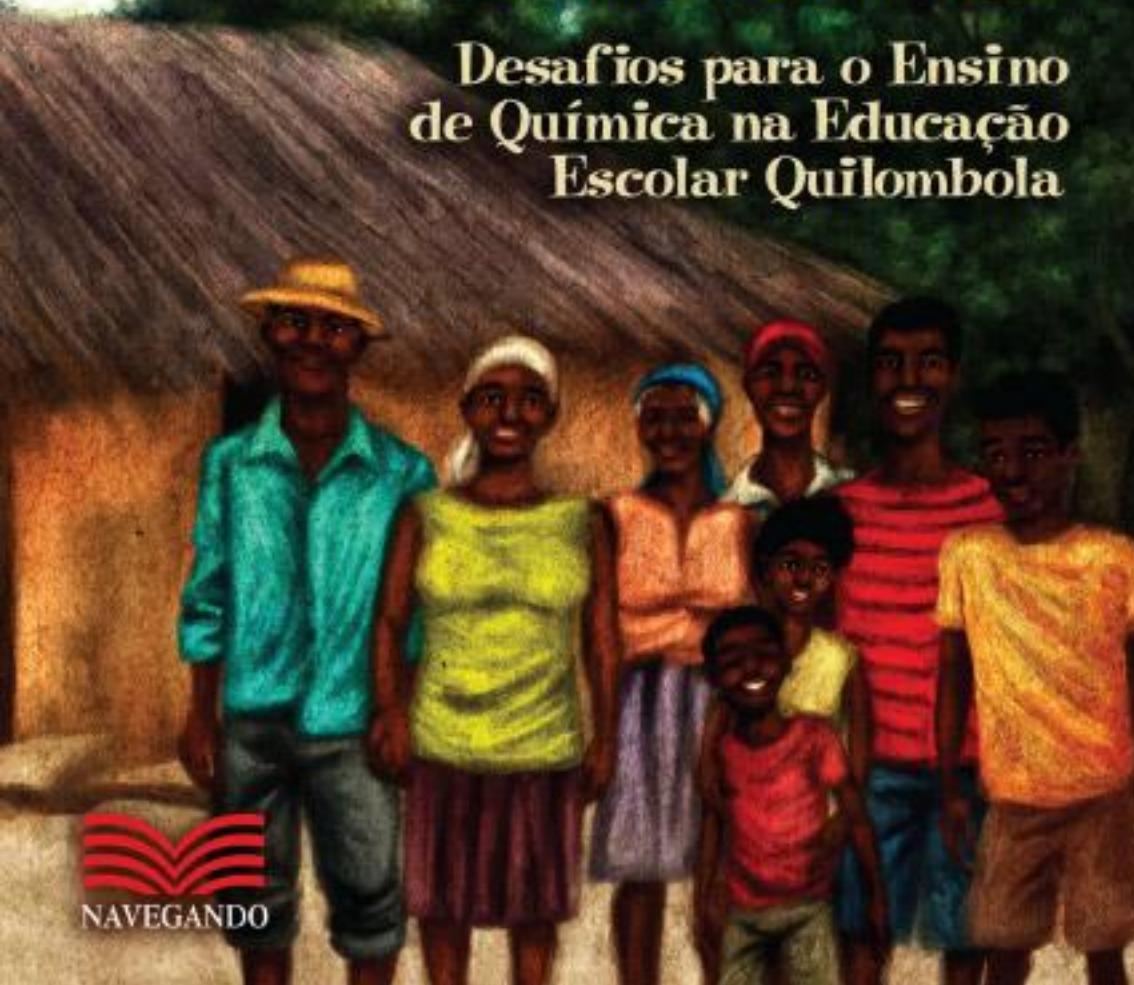


JULIANA MORAES FRANZÃO
GUIMES RODRIGUES FILHO

O Kalunga tem História

Desafios para o Ensino
de Química na Educação
Escolar Quilombola



**JULIANA MORAES FRANZÃO
GUILMÉS RODRIGUES FILHO**

O Kalunga tem História

**Desafios para o Ensino
de Química na Educação
Escolar Quilombola**

Ilustrado por RUBEM FILHO



Copyright © Juliana Moraes Franzão e Guimes Rodrigues Filho, 2017.
Todos os direitos reservados.

O conteúdo deste livro é de exclusiva responsabilidade dos autores.

Capa, ilustrações e projeto gráfico: Rubem Filho
Revisão: Maria Marly Dantas de Oliveira Silva

0113 Franzão, Juliana Moraes; Rodrigues Filho, Guimes. – O Kalunga tem história: desafios para o ensino de química na educação escolar quilombola. – Uberlândia: Navegando Publicações, 2017.

ISBN: 978-85-92592-83-7

1. Educação. 2. Educação Quilombola. 3. Ensino de Química. I. Juliana Moraes Franzão; Guimes Rodrigues Filho. II. Navegando Publicações. Título.

Índices para catálogo sistemático:

Educação 370

Ciências Sociais 300

CDD - 370



Navegando Publicações
CNPJ 18274393-0001-97
Uberlândia, MG, Brasil
www.editoranavegando.com.br
editoranavegando@gmail.com

CONSELHO EDITORIAL

Anselmo Alencar Colares (UFOPA), Carlos Lucena (UFU), Carlos Henrique de Carvalho (UFU), Dermeval Saviani (Unicamp), Fabiane Santana Previtali (UFU), Gilberto Luiz Alves (UFMS), István Mészáros (Universidade de Sussex, Inglaterra), José Carlos de Souza Araújo (Uniube - UFU), José Claudinei Lombardi (Unicamp), José Luis Sanfelice (Univás/Unicamp), Lívia Diana Rocha Magalhães (UESB), Mara Regina Martins Jacomeli (Unicamp), Miguel Perez (Universidade Nova Lisboa, Portugal), Ricardo Antunes (Unicamp), Robson Luiz de França (UFU), Teresa Medina (Universidade do Minho, Portugal).

“O Kalunga tem História - Desafios para o Ensino de Química na Educação Quilombola” retrata aspectos importantes da vida nos quilombos de Goiás. As situações vivenciadas por José e sua família podem, também, auxiliar o trabalho dos professores nas escolas quilombolas e despertar o interesse dos alunos por sua própria história.

Adão Fernandes da Cunha

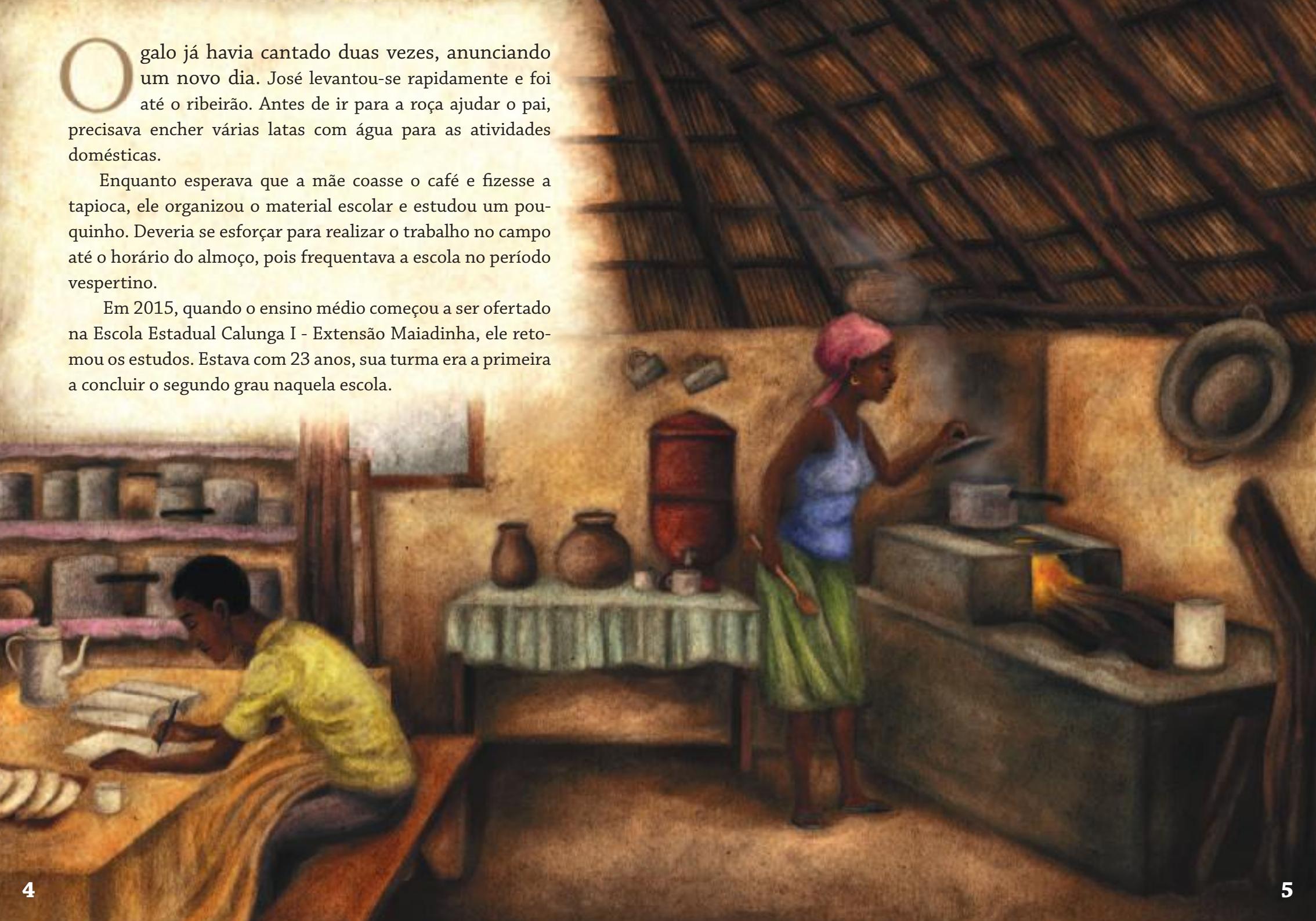
Professor quilombola da Comunidade

Kalunga - Vão de Almas. Possui curso de Licenciatura em Educação do Campo - Habilitação em Ciências da Natureza e Matemática pela Universidade de Brasília.

O galo já havia cantado duas vezes, anunciando um novo dia. José levantou-se rapidamente e foi até o ribeirão. Antes de ir para a roça ajudar o pai, precisava encher várias latas com água para as atividades domésticas.

Enquanto esperava que a mãe coasse o café e fizesse a tapioca, ele organizou o material escolar e estudou um pouquinho. Deveria se esforçar para realizar o trabalho no campo até o horário do almoço, pois frequentava a escola no período vespertino.

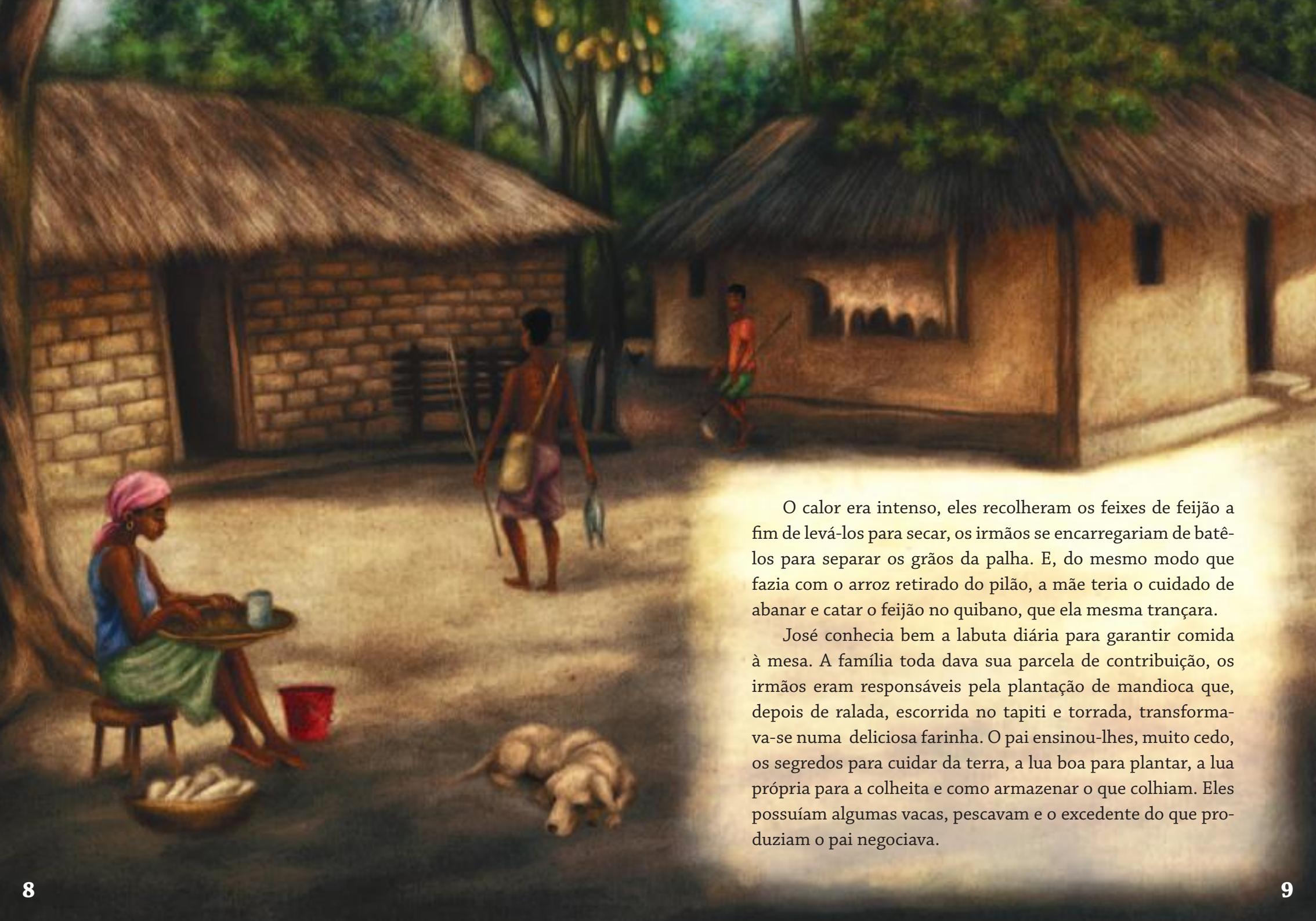
Em 2015, quando o ensino médio começou a ser ofertado na Escola Estadual Calunga I - Extensão Maiadinha, ele retomou os estudos. Estava com 23 anos, sua turma era a primeira a concluir o segundo grau naquela escola.



José nascera ali, no Vão do Moleque, zona rural do município de Cavalcante, a nordeste do estado de Goiás. Cresceu ouvindo as histórias contadas pelos membros da comunidade Kalunga, grupo remanescente de quilombo. Seus antepassados escolheram aquele lugar em busca de refúgio e, por muito tempo, permaneceram totalmente isolados. Era como se, naquele vale, os ponteiros da máquina do tempo tivessem parado.

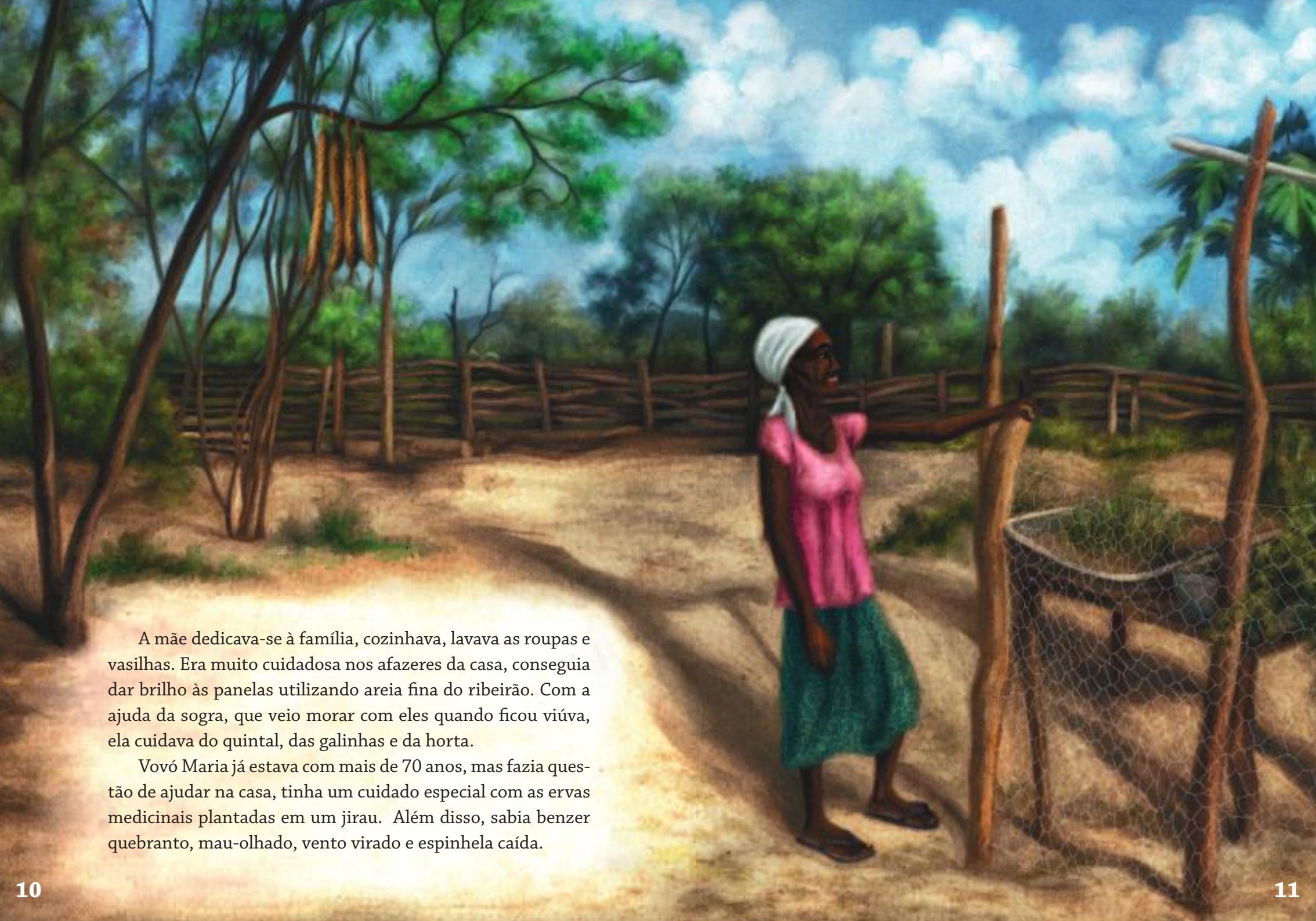
Os primeiros raios de sol pincelavam o horizonte com diversas cores, quando ele e o pai iniciaram a difícil tarefa daquele dia. Precisavam capinar uma área do roçado e o feijão deveria ser colhido logo, pois o sustento da família dependia do que era cultivado naquele pequeno pedaço de terra.





O calor era intenso, eles recolheram os feixes de feijão a fim de levá-los para secar, os irmãos se encarregariam de batê-los para separar os grãos da palha. E, do mesmo modo que fazia com o arroz retirado do pilão, a mãe teria o cuidado de abanar e catar o feijão no quibano, que ela mesma trançara.

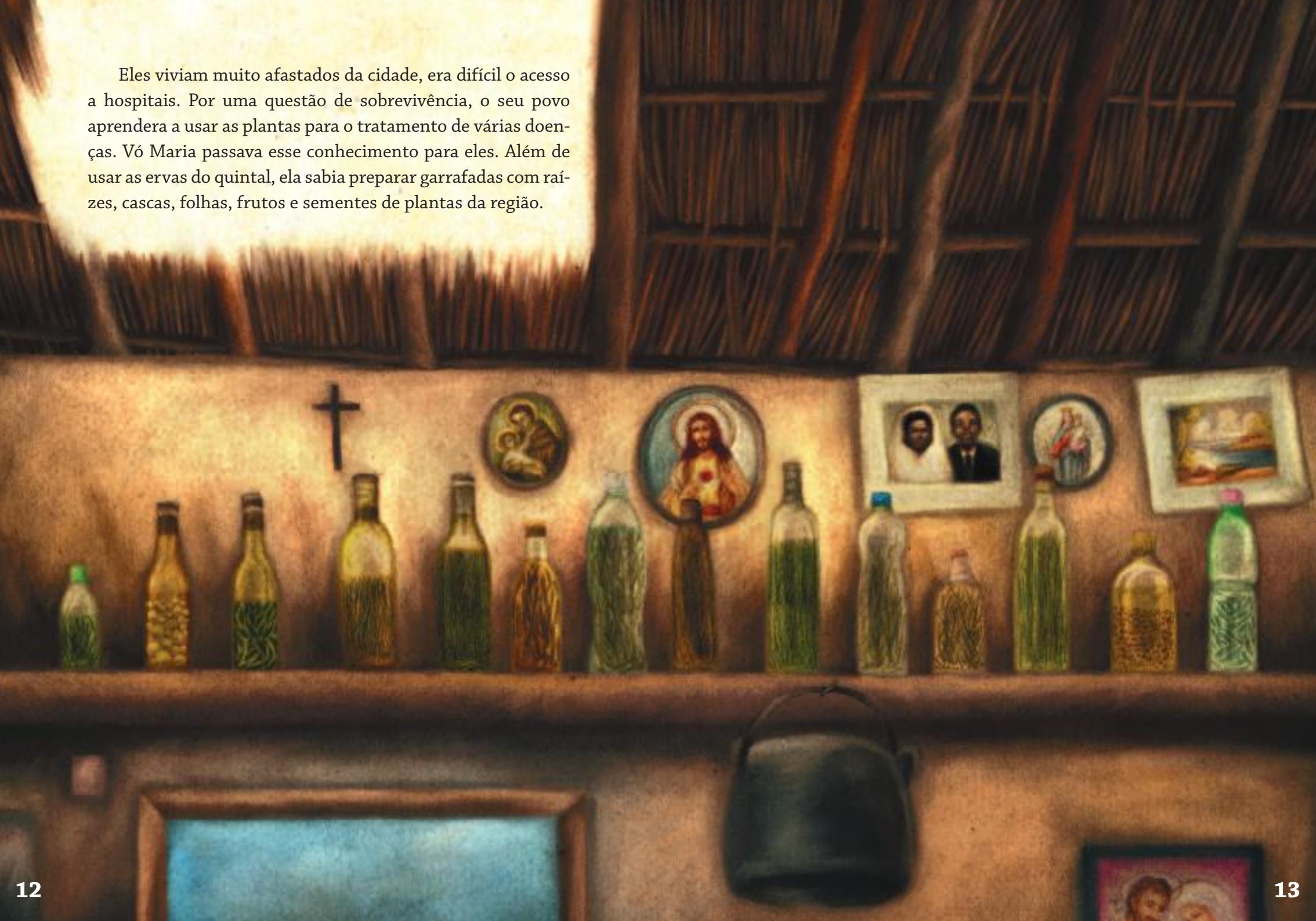
José conhecia bem a labuta diária para garantir comida à mesa. A família toda dava sua parcela de contribuição, os irmãos eram responsáveis pela plantação de mandioca que, depois de ralada, escorrida no tapiti e torrada, transformava-se numa deliciosa farinha. O pai ensinou-lhes, muito cedo, os segredos para cuidar da terra, a lua boa para plantar, a lua própria para a colheita e como armazenar o que colhiam. Eles possuíam algumas vacas, pescavam e o excedente do que produziam o pai negociava.

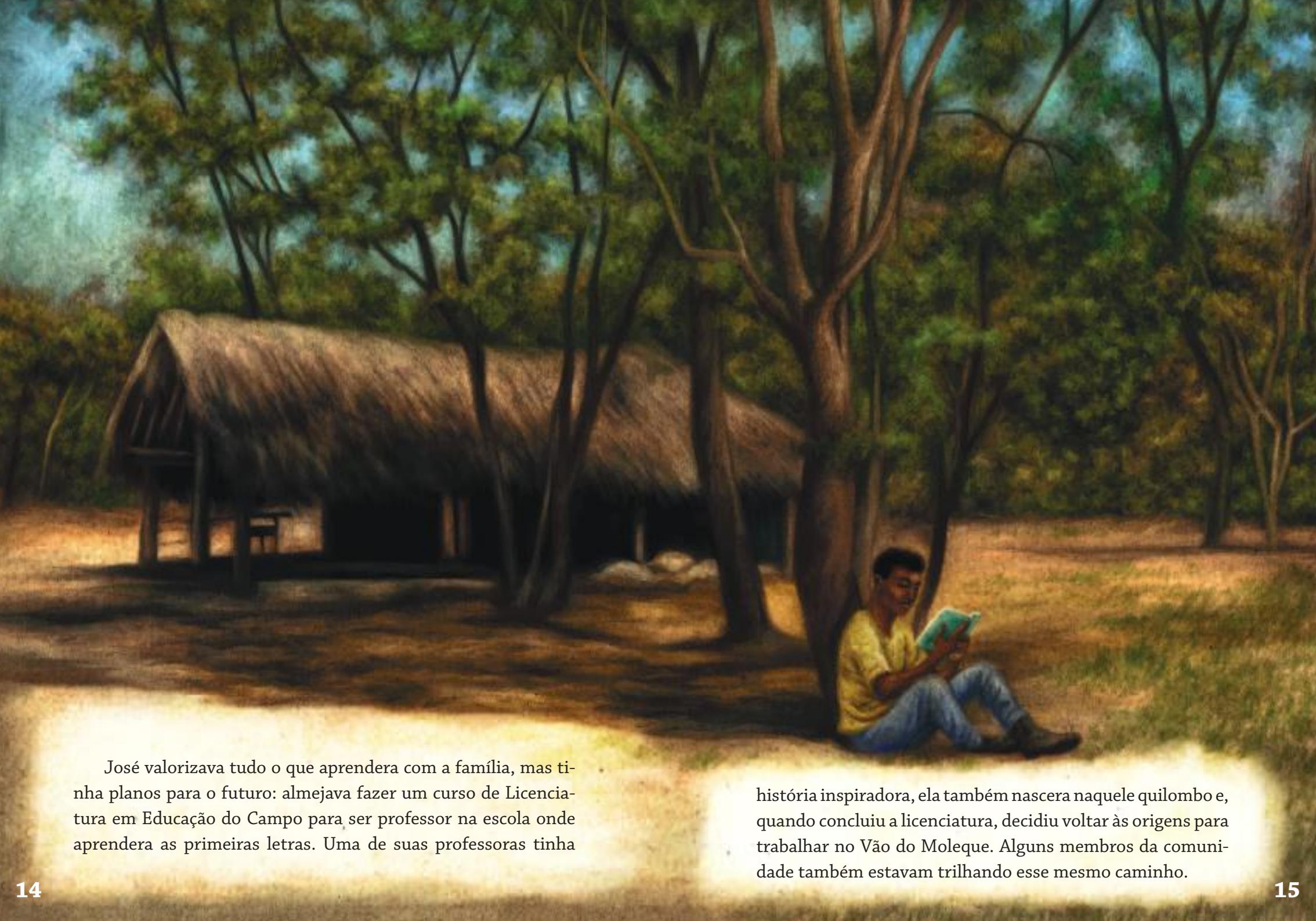


A mãe dedicava-se à família, cozinhava, lavava as roupas e vasilhas. Era muito cuidadosa nos afazeres da casa, conseguia dar brilho às panelas utilizando areia fina do ribeirão. Com a ajuda da sogra, que veio morar com eles quando ficou viúva, ela cuidava do quintal, das galinhas e da horta.

Vovó Maria já estava com mais de 70 anos, mas fazia questão de ajudar na casa, tinha um cuidado especial com as ervas medicinais plantadas em um jirau. Além disso, sabia benzer quebranto, mau-olhado, vento virado e espinhela caída.

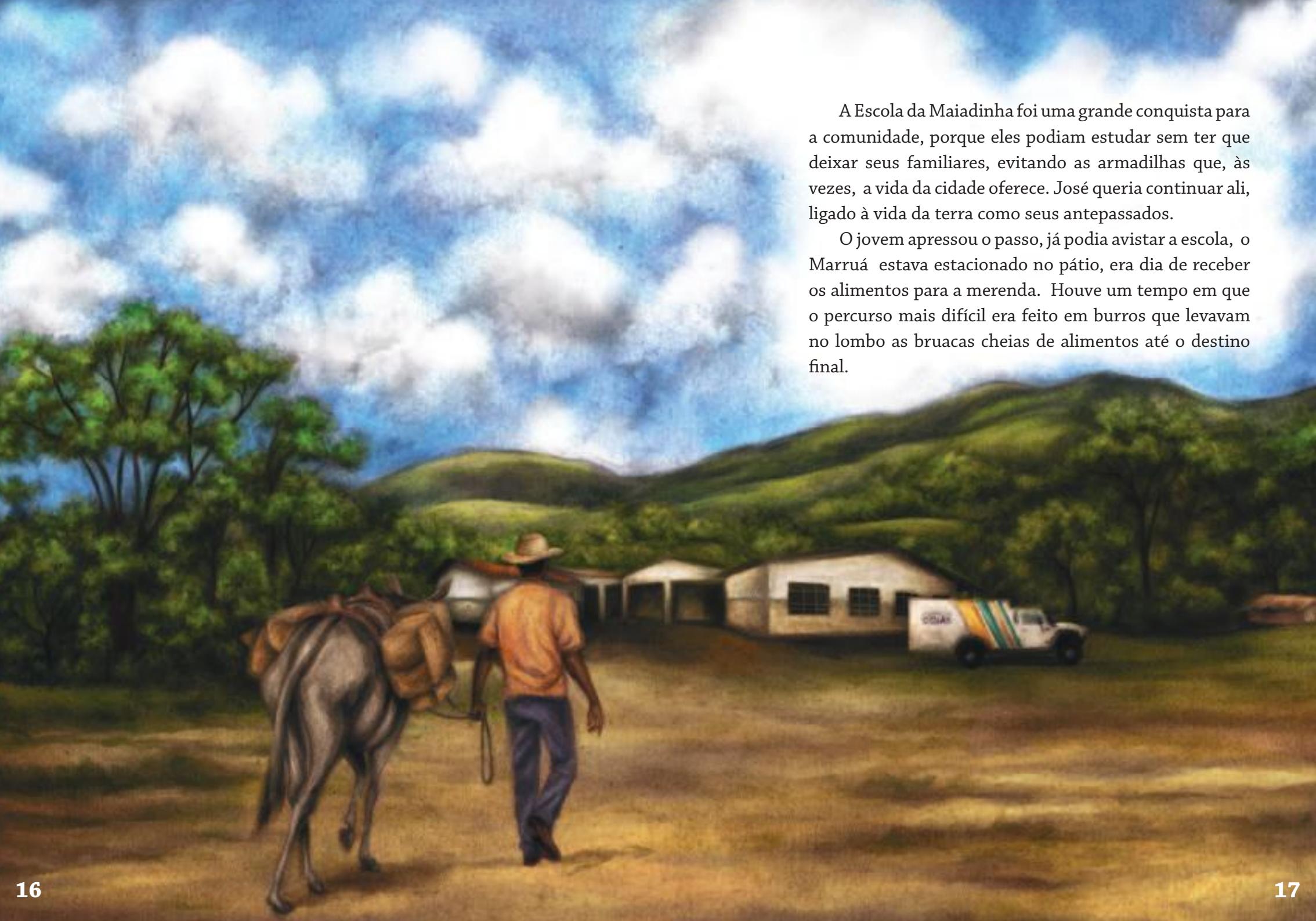
Eles viviam muito afastados da cidade, era difícil o acesso a hospitais. Por uma questão de sobrevivência, o seu povo aprendera a usar as plantas para o tratamento de várias doenças. Vó Maria passava esse conhecimento para eles. Além de usar as ervas do quintal, ela sabia preparar garrafadas com raízes, cascas, folhas, frutos e sementes de plantas da região.





José valorizava tudo o que aprendera com a família, mas tinha planos para o futuro: almejava fazer um curso de Licenciatura em Educação do Campo para ser professor na escola onde aprendera as primeiras letras. Uma de suas professoras tinha

história inspiradora, ela também nascera naquele quilombo e, quando concluiu a licenciatura, decidiu voltar às origens para trabalhar no Vão do Moleque. Alguns membros da comunidade também estavam trilhando esse mesmo caminho.



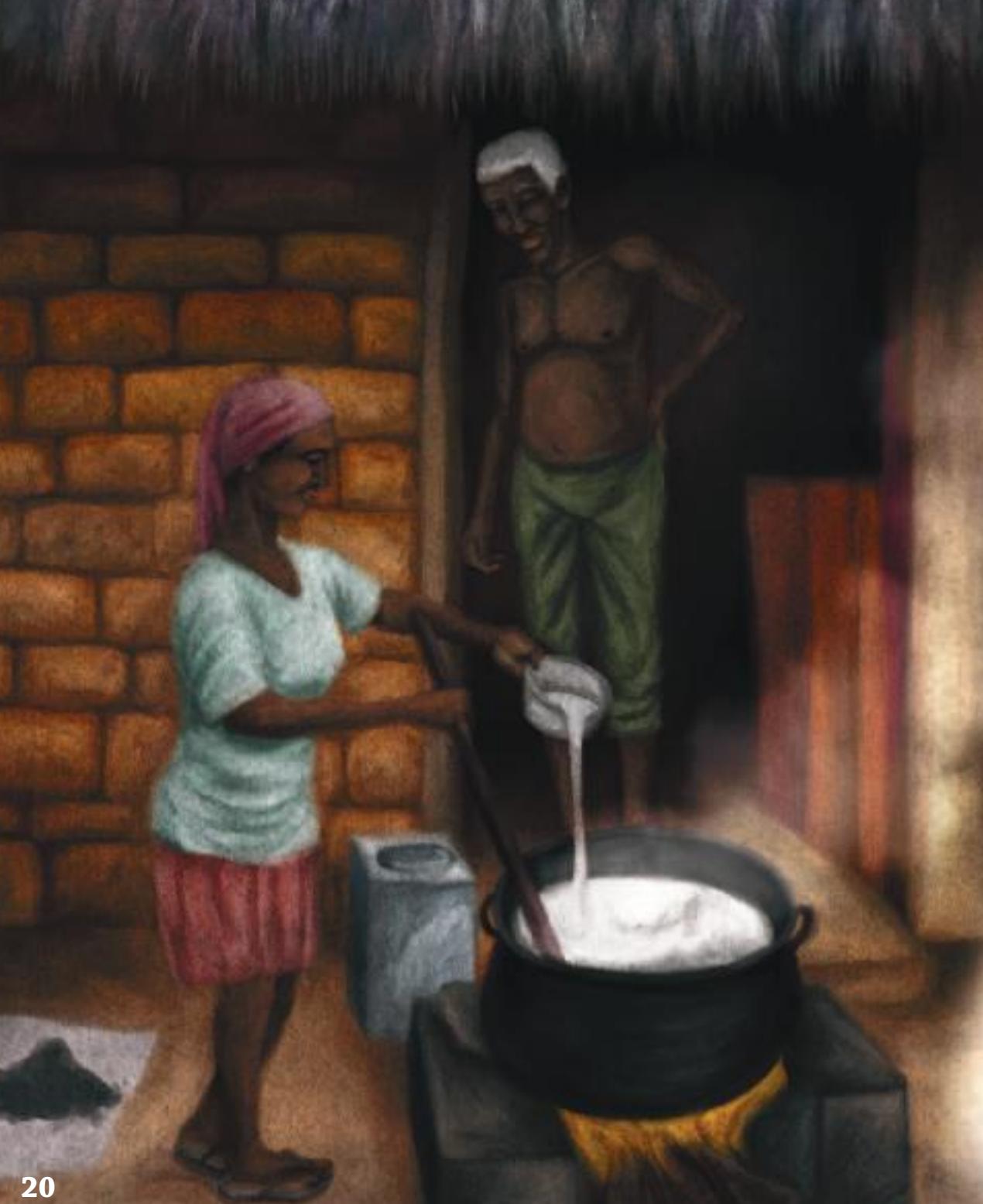
A Escola da Maiadinha foi uma grande conquista para a comunidade, porque eles podiam estudar sem ter que deixar seus familiares, evitando as armadilhas que, às vezes, a vida da cidade oferece. José queria continuar ali, ligado à vida da terra como seus antepassados.

O jovem apressou o passo, já podia avistar a escola, o Marruá estava estacionado no pátio, era dia de receber os alimentos para a merenda. Houve um tempo em que o percurso mais difícil era feito em burros que levavam no lombo as bruacas cheias de alimentos até o destino final.



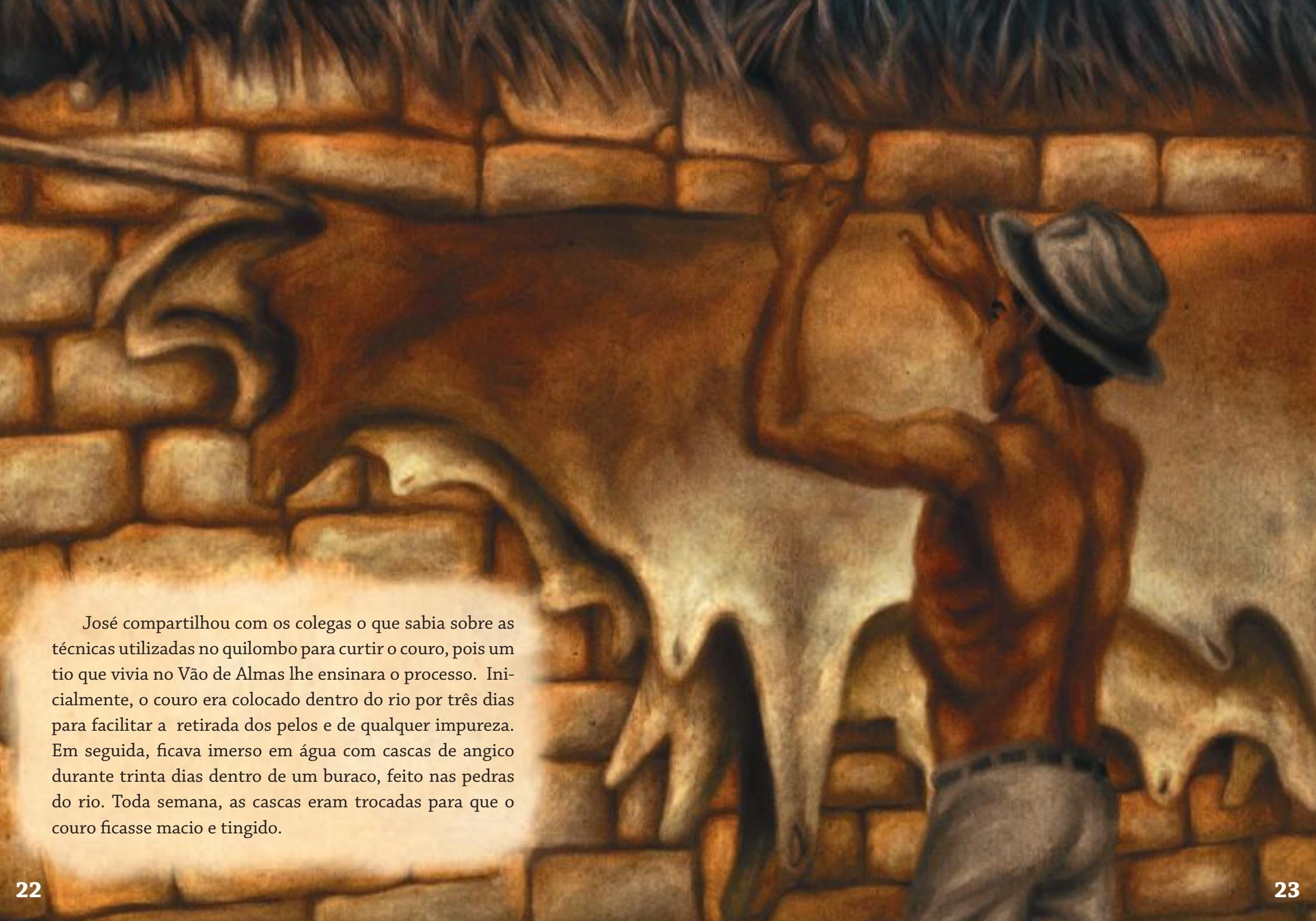
Naquele dia, as merendeiras teriam muito trabalho na cozinha para armazenar os alimentos perecíveis, a carne era salgada e colocada ao sol a fim de secar ou, depois de frita, era guardada em uma lata com gordura suficiente para cobri-la, assim não estragava.

Finalmente, a comunidade do Vão do Moleque havia conseguido um ônibus escolar para transportar os estudantes que moravam mais distante da Maiadinha. Duas camionetas também realizavam a mesma tarefa, pois o acesso a certas localidades era difícil e perigoso.



A chegada dos alunos à escola era festiva, eles conversavam animados e, aos poucos, iam para suas respectivas salas. Naquele dia, a professora de Química do terceiro ano estava concludo um estudo sobre a produção de sabão a partir do Tingui e da coada de cinzas ou dicuada como a maioria falava.

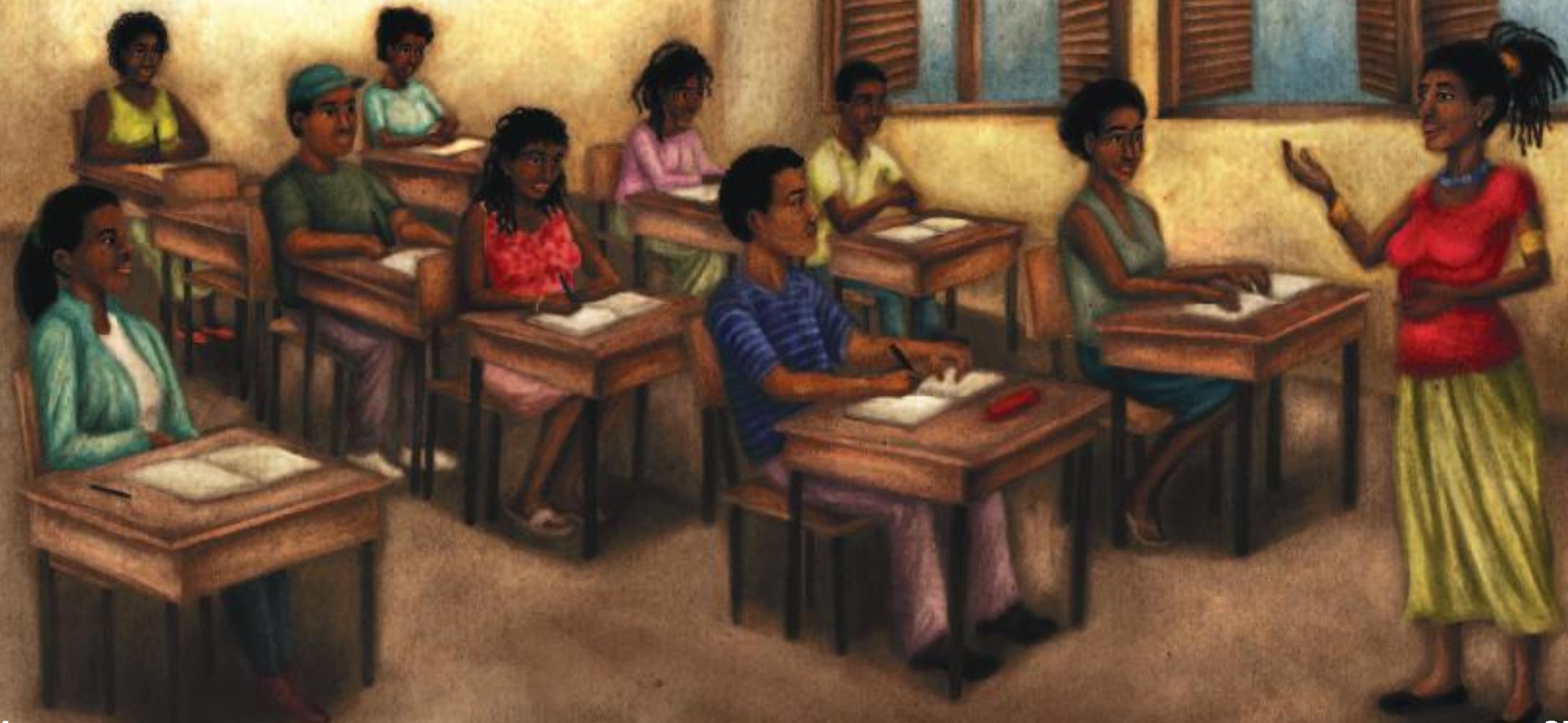
Discutiu-se, ainda, acerca do preparo do couro para confecção das buracas, também conhecidas como bruacas. Essas malas de couro eram muito utilizadas no transporte de mercadorias e transformavam-se em instrumento de percussão durante os festejos, para dar o ritmo à sussa.

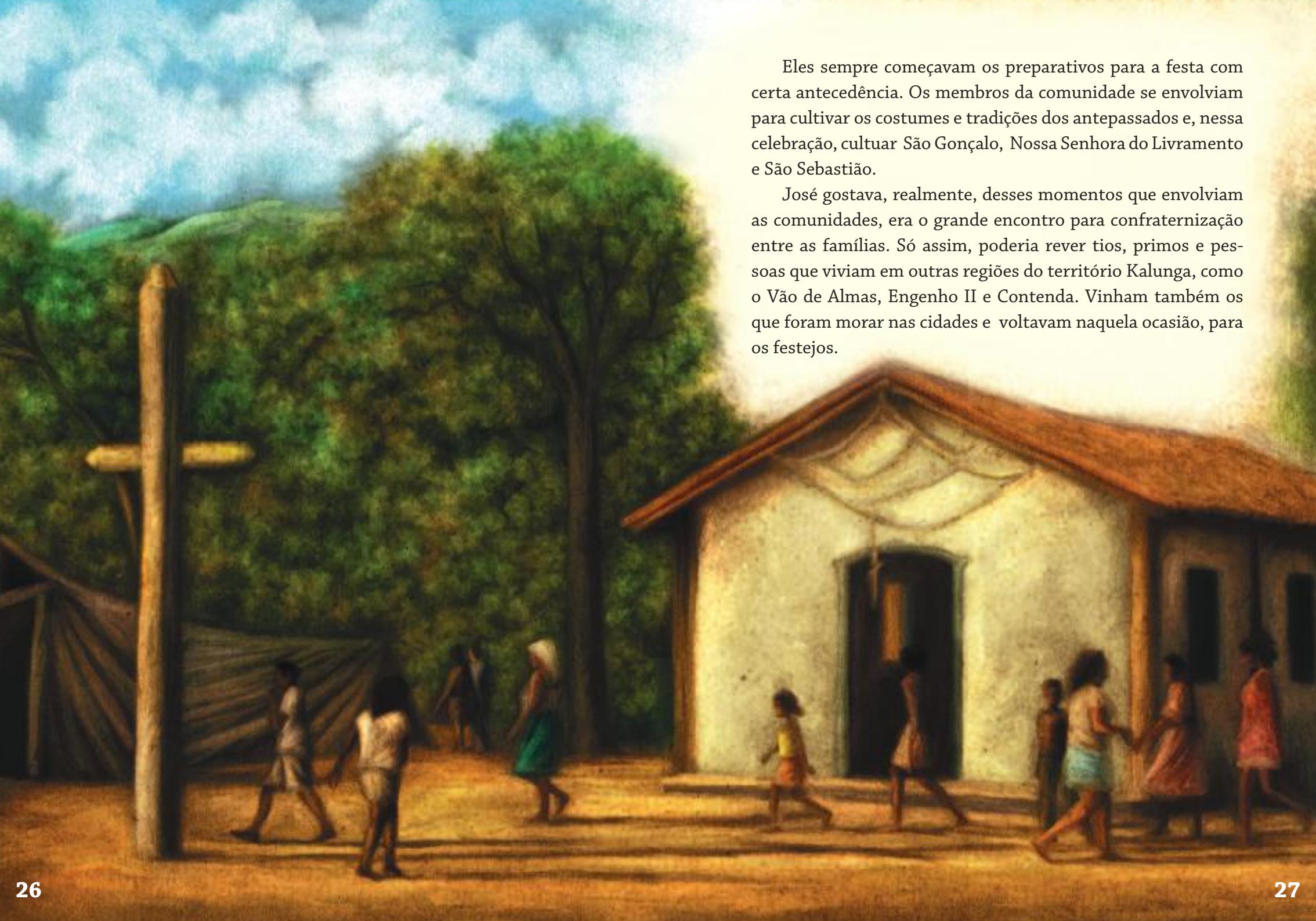


José compartilhou com os colegas o que sabia sobre as técnicas utilizadas no quilombo para curtir o couro, pois um tio que vivia no Vão de Almas lhe ensinara o processo. Inicialmente, o couro era colocado dentro do rio por três dias para facilitar a retirada dos pelos e de qualquer impureza. Em seguida, ficava imerso em água com cascas de angico durante trinta dias dentro de um buraco, feito nas pedras do rio. Toda semana, as cascas eram trocadas para que o couro ficasse macio e tingido.

As aulas que associavam os saberes da comunidade ao conhecimento científico eram muito interessantes. O jovem percebia que era possível incorporar novas práticas às atividades habituais do quilombo sem ter que abrir mão da cultura de seu povo.

Quando José retornou para sua casa, já estava escurecendo. Após a janta, a família reuniu-se para iniciar os preparativos da festa do Império de São Gonçalo, que ocorre todos os anos na comunidade do Vão do Moleque, no mês de setembro.



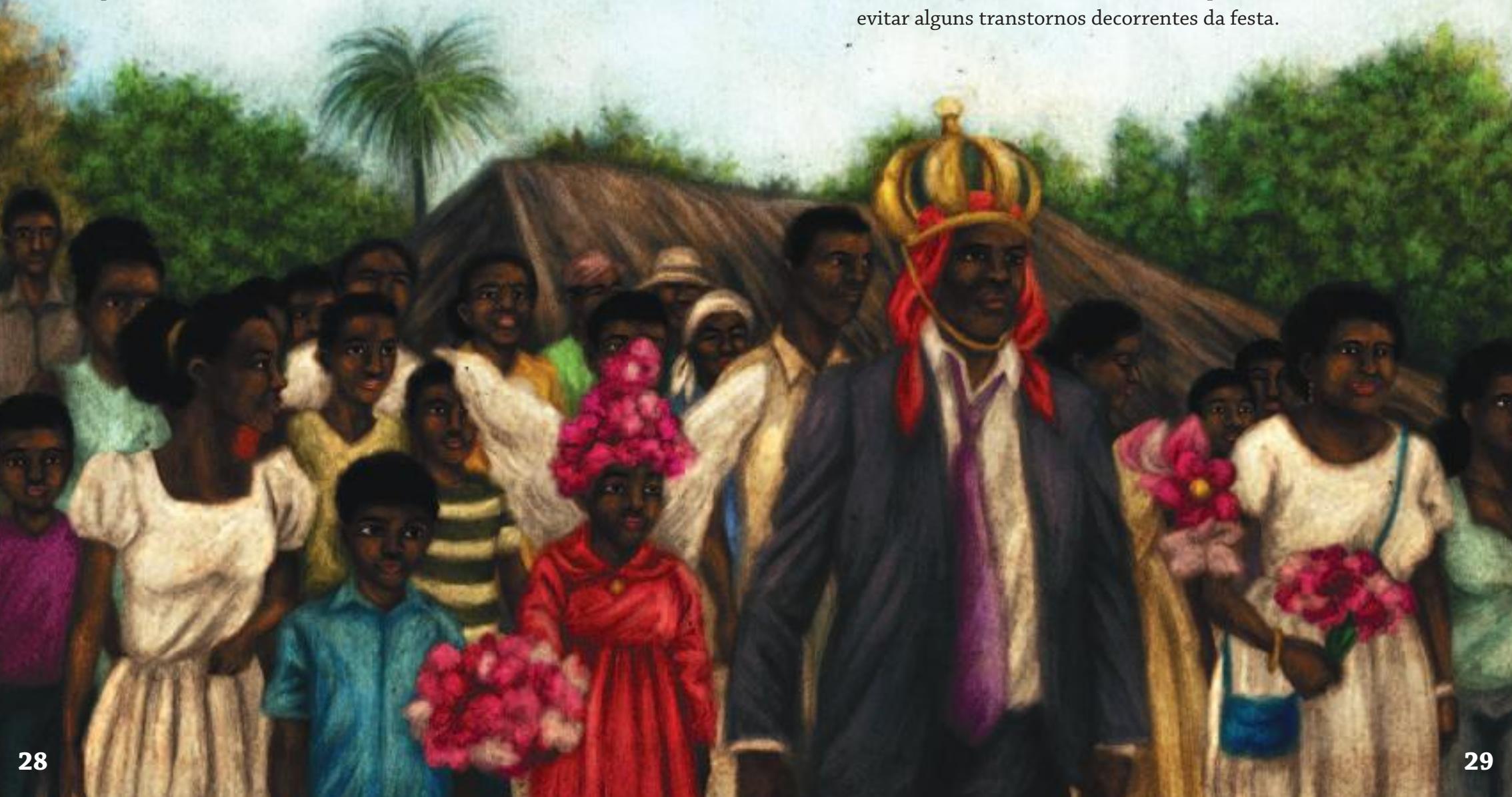


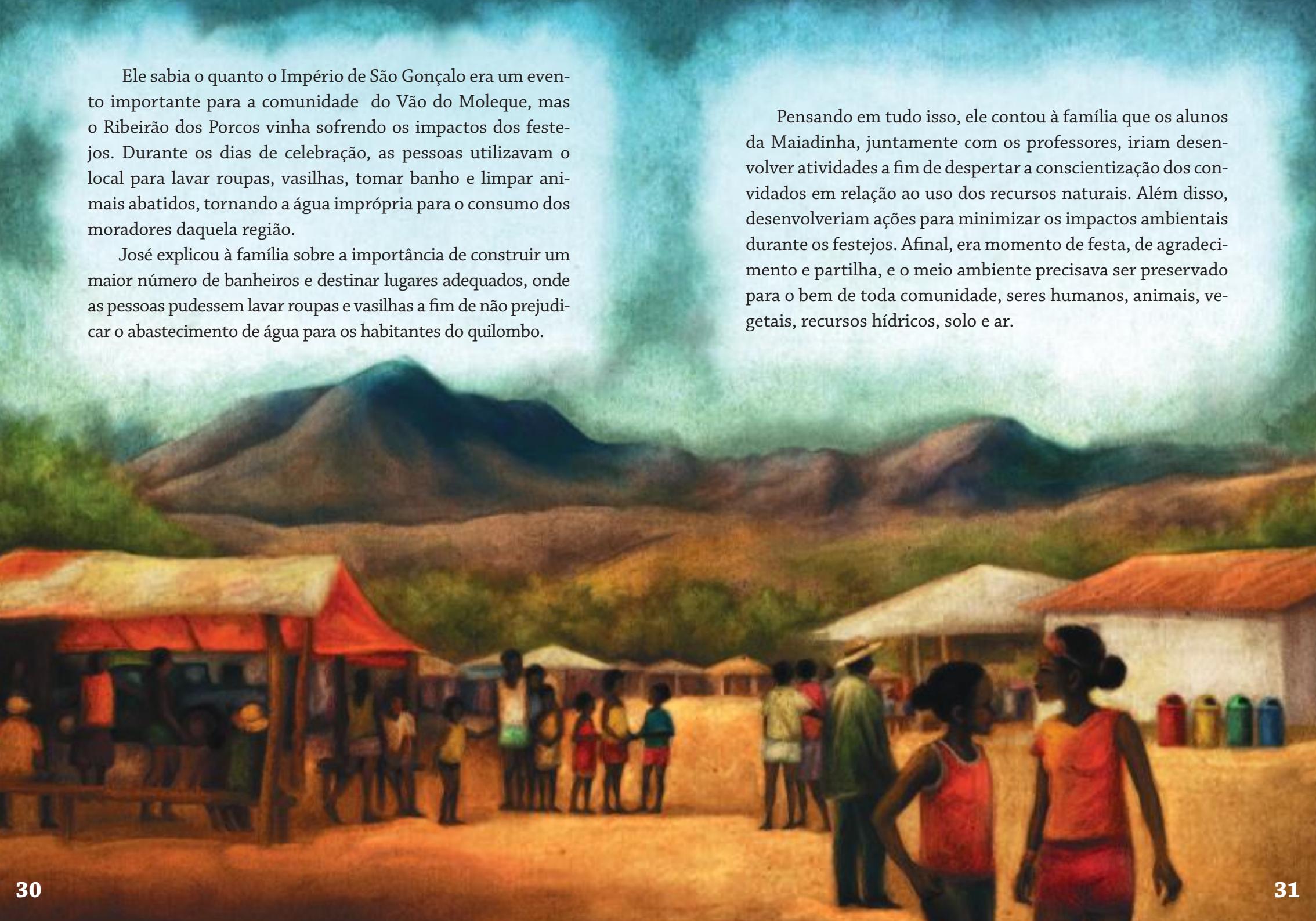
Eles sempre começavam os preparativos para a festa com certa antecedência. Os membros da comunidade se envolviam para cultivar os costumes e tradições dos antepassados e, nessa celebração, cultuar São Gonçalo, Nossa Senhora do Livramento e São Sebastião.

José gostava, realmente, desses momentos que envolviam as comunidades, era o grande encontro para confraternização entre as famílias. Só assim, poderia rever tios, primos e pessoas que viviam em outras regiões do território Kalunga, como o Vão de Almas, Engenho II e Contenda. Vinham também os que foram morar nas cidades e voltavam naquela ocasião, para os festejos.

O local da festa só era ocupado pelos moradores da comunidade durante as celebrações. Todos se reuniam em uma área próxima ao Ribeirão dos Porcos, onde construíram a Capela, a casa do Imperador da Festa e vários ranchos que serviam de abrigo para as pessoas que vinham ao Vão do Moleque nesse período.

Naquela noite, enquanto confeccionavam os enfeites, a avó se queixou que a participação dos jovens já não era a mesma durante os festejos, quase não se dançava a sussa, pois a maioria só queria dançar forró. Assim, as tradições poderiam se perder. José aproveitou o momento para conversar com a família sobre a necessidade de tomar providências, a fim de evitar alguns transtornos decorrentes da festa.





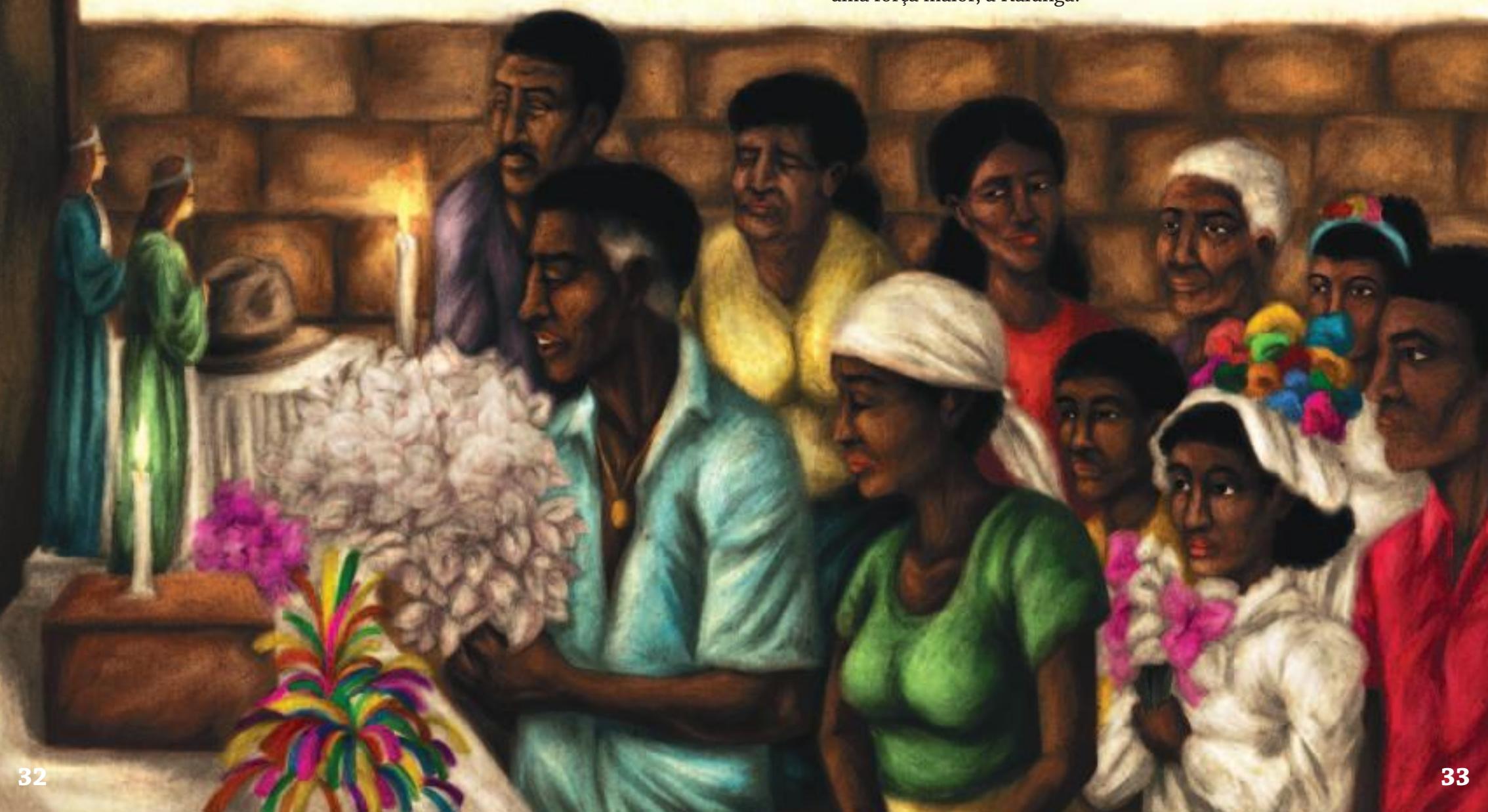
Ele sabia o quanto o Império de São Gonçalo era um evento importante para a comunidade do Vão do Moleque, mas o Ribeirão dos Porcos vinha sofrendo os impactos dos festejos. Durante os dias de celebração, as pessoas utilizavam o local para lavar roupas, vasilhas, tomar banho e limpar animais abatidos, tornando a água imprópria para o consumo dos moradores daquela região.

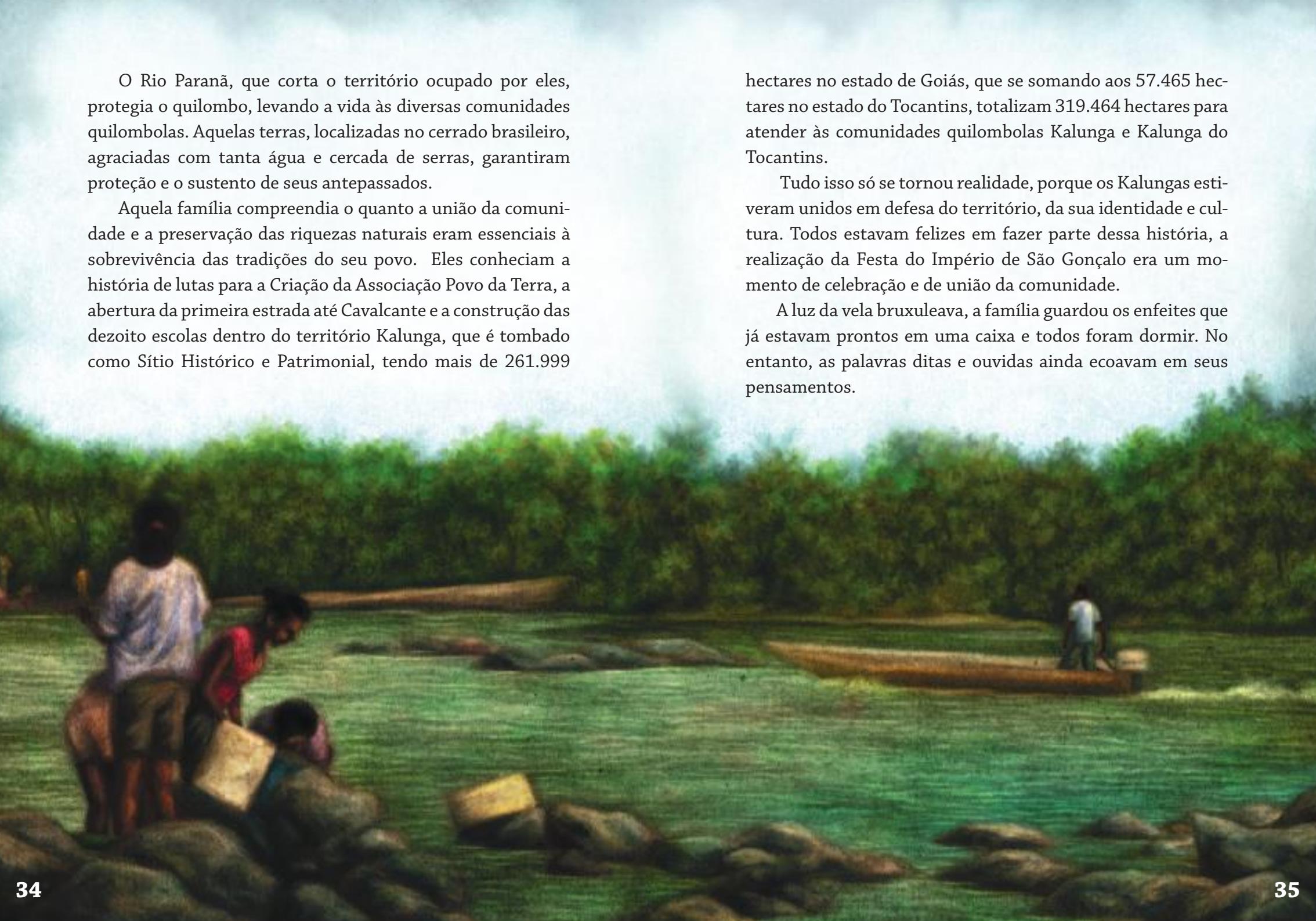
José explicou à família sobre a importância de construir um maior número de banheiros e destinar lugares adequados, onde as pessoas pudessem lavar roupas e vasilhas a fim de não prejudicar o abastecimento de água para os habitantes do quilombo.

Pensando em tudo isso, ele contou à família que os alunos da Maiadinha, juntamente com os professores, iriam desenvolver atividades a fim de despertar a conscientização dos convidados em relação ao uso dos recursos naturais. Além disso, desenvolveriam ações para minimizar os impactos ambientais durante os festejos. Afinal, era momento de festa, de agradecimento e partilha, e o meio ambiente precisava ser preservado para o bem de toda comunidade, seres humanos, animais, vegetais, recursos hídricos, solo e ar.

Os pais de José sempre foram atuantes na comunidade e envolviam os filhos na busca por melhorias para o quilombo como forma de cultuar a história de luta dos seus antepassados.

Entre os povos africanos, trazidos como escravizados para o Brasil, a palavra Kalunga estava ligada às suas crenças religiosas. Eles acreditavam que deviam prestar culto aos seus antepassados, assim receberiam a força deles e estariam ligados a uma força maior, a Kalunga.





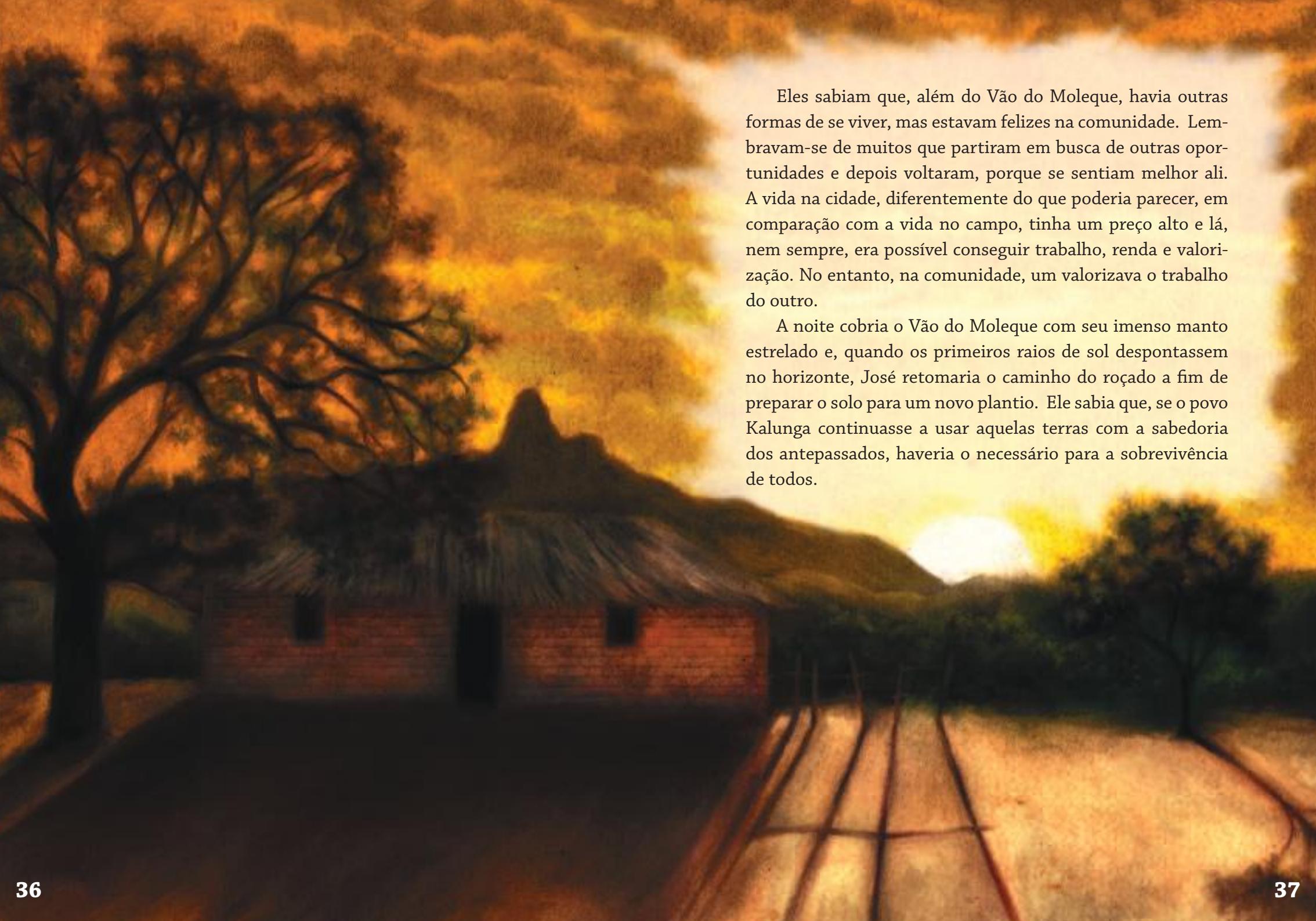
O Rio Paranã, que corta o território ocupado por eles, protegia o quilombo, levando a vida às diversas comunidades quilombolas. Aquelas terras, localizadas no cerrado brasileiro, agraciadas com tanta água e cercada de serras, garantiram proteção e o sustento de seus antepassados.

Aquela família compreendia o quanto a união da comunidade e a preservação das riquezas naturais eram essenciais à sobrevivência das tradições do seu povo. Eles conheciam a história de lutas para a Criação da Associação Povo da Terra, a abertura da primeira estrada até Cavalcante e a construção das dezoito escolas dentro do território Kalunga, que é tombado como Sítio Histórico e Patrimonial, tendo mais de 261.999

hectares no estado de Goiás, que se somando aos 57.465 hectares no estado do Tocantins, totalizam 319.464 hectares para atender às comunidades quilombolas Kalunga e Kalunga do Tocantins.

Tudo isso só se tornou realidade, porque os Kalungas estiveram unidos em defesa do território, da sua identidade e cultura. Todos estavam felizes em fazer parte dessa história, a realização da Festa do Império de São Gonçalo era um momento de celebração e de união da comunidade.

A luz da vela bruxuleava, a família guardou os enfeites que já estavam prontos em uma caixa e todos foram dormir. No entanto, as palavras ditas e ouvidas ainda ecoavam em seus pensamentos.



Eles sabiam que, além do Vão do Moleque, havia outras formas de se viver, mas estavam felizes na comunidade. Lembravam-se de muitos que partiram em busca de outras oportunidades e depois voltaram, porque se sentiam melhor ali. A vida na cidade, diferentemente do que poderia parecer, em comparação com a vida no campo, tinha um preço alto e lá, nem sempre, era possível conseguir trabalho, renda e valorização. No entanto, na comunidade, um valorizava o trabalho do outro.

A noite cobria o Vão do Moleque com seu imenso manto estrelado e, quando os primeiros raios de sol despontassem no horizonte, José retomaria o caminho do roçado a fim de preparar o solo para um novo plantio. Ele sabia que, se o povo Kalunga continuasse a usar aquelas terras com a sabedoria dos antepassados, haveria o necessário para a sobrevivência de todos.



Juliana Moraes Franzão é professora do IFG – Campus Itumbiara. Ao vivenciar momentos com a Comunidade Quilombola Kalunga, durante pesquisa de doutoramento, encontrou na produção deste livro uma oportunidade de externar toda a gratidão pela acolhida e ensinamentos, apresentar as riquezas do Kalunga e inspirar alunos e professores a novas produções.

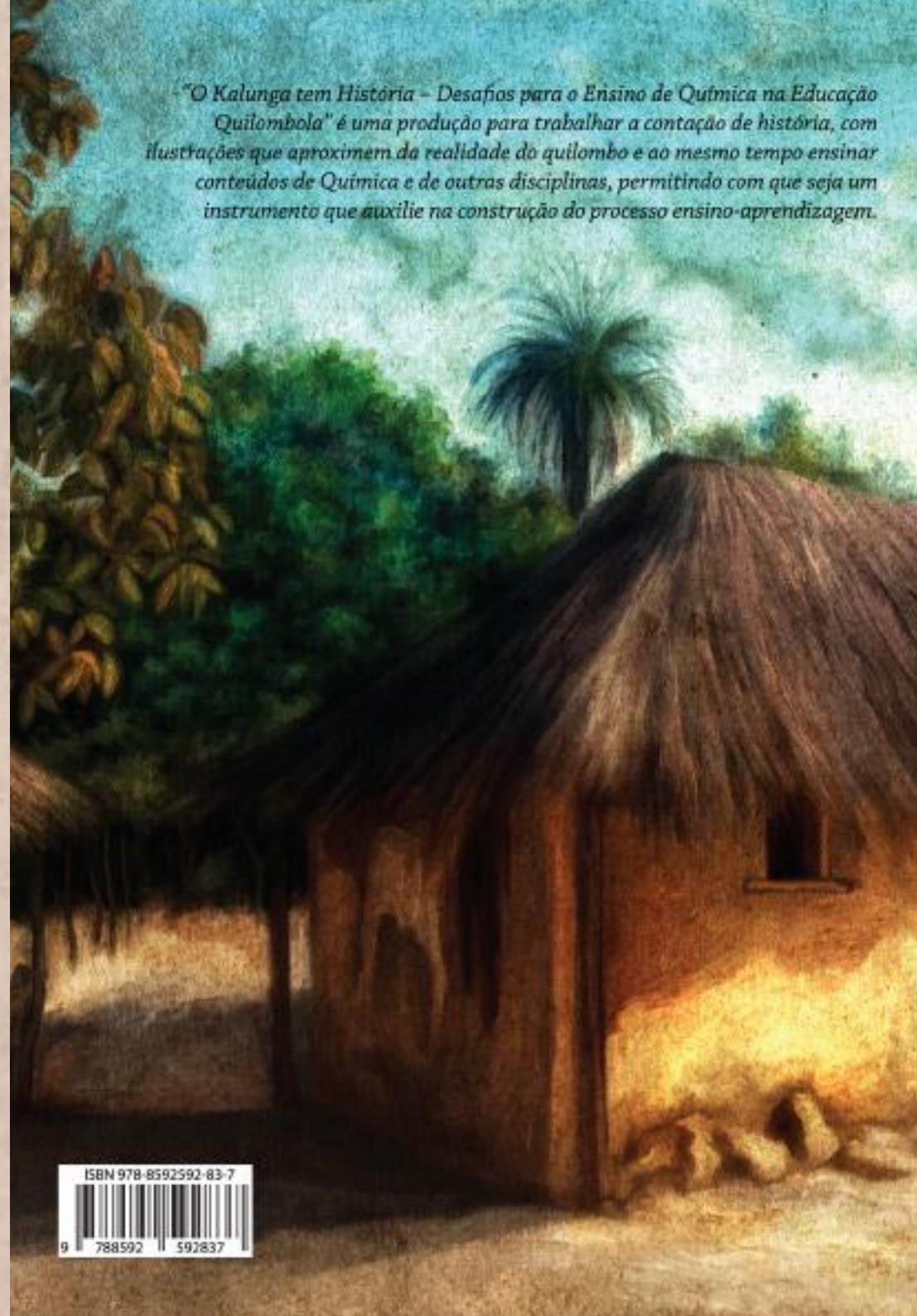
Guimes Rodrigues Filho é professor Titular do Instituto de Química e Coordenador Executivo do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da UFU (NEAB-UFU). Mestre de Capoeira Angola do Grupo Malta Nagoa, que desenvolve trabalhos com a Capoeira Inclusiva. Vocalista da Banda Dikika. Atualmente é pesquisador da CAPES/SECADI/MEC, coordenando o Programa Abdias do Nascimento do NEAB-UFU de bolsas para graduandos e doutorandos negros/as de qualquer área do conhecimento desenvolverem estudos na temática afro-racial, em universidades dos Estados Unidos.



Rubem Filho era um menino negro que vivia desenhando como todas as crianças. Aliás, continua a desenhar mesmo depois de crescido. Hoje é ilustrador, escritor e artista gráfico. É formado em Artes Plásticas pela Escola Guignard, da Universidade do Estado de Minas Gerais. Se dedica à produção de livros para o público infantojuvenil e adulto desde 1996, tendo até o momento 116 livros projetados, escritos ou ilustrados. Vive e trabalha em Belo Horizonte.

Este livro foi composto em Chaparral Pro, corpo 12,5 sobre 16,5 e impresso em papel couché fosco 120 g/m², durante a primavera de 2017.

"O Kalunga tem História – Desafios para o Ensino de Química na Educação Quilombola" é uma produção para trabalhar a contação de história, com ilustrações que aproximem da realidade do quilombo e ao mesmo tempo ensinar conteúdos de Química e de outras disciplinas, permitindo com que seja um instrumento que auxilie na construção do processo ensino-aprendizagem.



ISBN 978-8592592-83-7

A standard linear barcode representing the ISBN 978-8592592-83-7.

9 788592 592837